

A NATUREZA EM TEMPOS DE GUERRA: IDEIAS DE NATUREZA NA FRONTEIRA DO PARAÍBA NO SÉCULO XVI

Adriel Fontenele Batista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA
Departamento de História

Resumo

A Conquista da Capitania da Paraíba teve início nos tempos de D. Sebastião, rei de Portugal e efetivou-se com a vitória da coesão de forças portuguesas e espanholas contra franceses e indígenas *pitiguares* entre 1574 e 1589, quando tal conquista se legitima através do relato dos feitos no documento chamado *Sumário das Armadas*. Este artigo é parte de uma pesquisa que busca, a partir de uma análise hermenêutica do discurso presente no referido documento, entender de que modo os homens deste tempo histórico se posicionaram diante de um mundo novo no momento específico de enfrentamento prático com a natureza em circunstâncias político-econômicas, militares e culturais próprias da modernidade.

Palavras-chave

Natureza/Jesuítas/Capitania da Paraíba/Espaços Coloniais

Antes de entrarmos na efetiva investigação da idéia de natureza presente no *Sumario das Armadas* – que é, na verdade, o compendio maior dessa pesquisa – julgamos necessário comentar alguns fatos da história da Capitania da Paraíba que ajudarão o leitor a entender com mais clareza, algumas idéias desenvolvidas aqui.

Uma série de acontecimentos trágicos e fracassos se desdobram nessa história desde o desmembramento da Capitania de Tamaracá, em 1574 e demonstram a fragilidade administrativa e o pouco controle da metrópole portuguesa sobre a Capitania, especialmente no sentido Norte-nordeste. O primeiro desses acontecimentos se deu ainda

em 1574, com o episódio conhecido como “Tragédia de Tucunhaém”, no qual o gentio entrou em conflito com colonos e, incitado pelos franceses, atacou e matou os moradores do Engenho Tucunhaém, em Tamaracá. Depois do desmembramento da Capitania, a Bahia da Traição, agora Capitania da Paraíba, se tornou o ponto para onde se deslocavam as forças do ímpeto conquistador português e, a partir de 1580, da coesão das coroas portuguesa e espanhola sob o reinado de Filipe II.

Ainda nos tempos de D. Sebastião, em 1574, partiu a primeira expedição de povoamento e guerra contra o gentio *pitiguar* e seus aliados franceses na Capitania. Essa expedição foi comandada por D. Fernão da Silva que recuou para Pernambuco sob ataque do gentio e abandonou a empresa. O insucesso se repetiu em 1575, na expedição comandada por D. Luiz de Brito; evento o qual já trata o Sumário das Armadas. Essa expedição teria sido prejudicada por fortes tormentas ainda no mar e retornado a Bahia, de onde havia inicialmente partido sem ter sequer chegado a terras da Paraíba.

Em 1579 Furtuoso Barbosa parte de Portugal com sua expedição para, a mando da Coroa portuguesa, governar a Capitania por dez anos. Mas também enfrentaram tempestades marítimas e ventos contrários, os quais o levaram a abandonar o objetivo inicial e desembarcar em Pernambuco. Ali tratou de sua esposa que havia adoecido durante a viagem e logo voltou para Portugal, onde sua mulher faleceu. A má sorte de Furtuoso Barbosa, ou da empresa de conquista do Paraíba parecia não ter fim; em 1582, fato também narrado no Sumário, Furtuoso Barbosa volta à Paraíba e, embora não tenha desistido desta vez, perde um filho durante a luta contra o gentio *pitiguar*.

Segundo entendemos, a própria história dessa empresa, com seus fracassos e infortúnios mórbidos, não de ter influenciado as mentes mais férteis desses homens, principalmente em suas concepções sobre a natureza desconhecida desse Novo Mundo. Nesse sentido, uma influência pelo enfrentamento das tormentas tropicais e na travessia do *mar oceano*, no cotidiano da guerra contra o gentio *pitiguar* “o mais guerreiro e o mais unido que quantos houver no Brasil”¹ ou em suas mentalidades, ainda não refeitas do pessimismo e dos misticismos que afloraram na modernidade.

Assim, podemos entender que os “olhares” que chegam ao Novo Mundo, muito possivelmente não se projetam apenas a partir das cores vibrantes dessa natureza exuberante, de um paraíso a ser retomado pelo progresso intelectual, espiritual e econômico que se encerra na Renascença européia; mas também pelas sombras da

¹SUMÁRIO das Armadas. Iris, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na Rev. do IHGB., v.36, pt.1, p 5-89, 1873. cap. 1.

incerteza, dos pré-conceitos sobre essa “era de modernidades” que só a experiência poderia trazer para a razão ou dar-lhe contornos mais aceitáveis.

Ao iniciar o primeiro capítulo do *Sumário das Armadas*, o qual foi encomendado com o objetivo principal narrar as guerras empreendidas contra o gentio *pitiguar* na conquista do Rio Paraíba - ou seja, uma narrativa de caráter militarista - o Padre Simão de Travassos expõe a necessidade de uma breve descrição do cenário dessa guerras.

Antes de entrar na relação das guerras e armadas que os reis deste reino mandarão dar e manter contra o gentio Pitiguar senhor de mais de quatro centas léguas por costa deste Rio do Parahiba athe e do Maranhão [...] me pareceu fazer uha breve descrição delle e do estado em que estão as Capitãias do Pernambuco e Tamaracá quando o doutor Martim Leitano entrou nellas para mais facilmente no decurso desta história se entenderem muitas cousas a qual he a seguinte.²

Essa intenção do autor, que pretende expor um estado da questão como facilitador do entendimento sobre seu relato, revela-se no discurso empreendido, como um método de apreensão da realidade que tem a as características próprias da terra como modelo de interpretação da natureza interior³ desse Novo Mundo. Nesse sentido, a observação da natureza parece ser o que revela seus aspectos mais singulares, como resposta cognocente ao *olhar de estranhamento*⁴ que se empreendeu, sobre as peculiaridades desse Novo Mundo. O olhar desses homens, a partir da narrativa que se apresenta no *Sumário das Armadas*, parece estar descrevendo para que o leitor conheça, mas não parece um interesse próprio pela estética do Novo Mundo. As matas, as águas, o clima ou mesmo a cor da pele, os cabelos e as diferenças físicas do homem da terra, parecem estar já superadas quanto do que se pode entender por *olhar de estranhamento*. Ao longo das descrições da terra e no desdobramento dos eventos narrados, o estranhamento que se pode perceber nesse olhar parece relacionado com a natureza interior desse Novo Mundo; essência ou espírito que se projeta em seu discurso. Essa postura, segundo entendemos, parece encerrada numa perspectiva platônica da renascença ibérica a direcionar o olhar desses homens para a essência ou natureza interior do Novo Mundo.

² Ibid., cap 1.

³ Nesse sentido “natureza interior” como essência ou qualidade própria de uma coisa.

⁴ Termo usado por Edward Lopez definir a visão do branco europeu sobre as diferenças encontradas no Novo Mundo durante o período das descobertas.

[...] entendemos somente como não andão em guerras, porque **se dão pouco ao trabalho e naturalmente são folgazões** como o são todas as outras nações fora da nossa Europa. **Ajuda muito a iso a fertilidade da terra** em produzir este mantimento que chamamo mandioca que he o pão de todo o Brasil porque cada pessoa com a planta de um só dia faz mantimento que lhe abasta todo o anno [...] ⁵[grifo meu]

São muito falços inclinados a enganos e aleivos e he tão próprio e natural iso do clima e terra do Brasil que logo se pega e tem já pegado a quase todos os brancos naturais do Brasil, antes a todos que assim desmente que lhe a principio lançarão do Limoeiro de Lisboa e das outras cadeias do reino peiorou ainda mais esta **natureza a que já conhece roim e assim se deve fazer pouco fundamento dos ditos do Brazil** como não fazem de peças mui católicas nas virtudes ⁶[grifo meu]

Nesse trecho, a perspectiva do autor se representa como uma apreensão da natureza exterior, essa sensível aos olhos, como modelo interpretativo de uma suposta natureza interior das gentes da terra. Nesse sentido, a natureza como modelo ideal – ainda que entendida como tradição intelectual e filosófica do Ocidente, como entende Francis Bacon – nos parece também uma percepção egocêntrica e ligada aos valores e motivos da conquista desse mundo novo, qualificando e valorando essa natureza em dimensão material e imaterial. Nesse caso, a valorização do trabalho e a capacidade de obediência desses homens da terra parece ser o ponto para onde incide a observação dos jesuítas. Não podemos deixar de considerar, contudo, que desde a sua chegada ao Brasil, em 1549, os jesuítas formaram grande oposição à escravidão indígena e à violência contra o gentio na colônia. Assim, a intenção de legitimar uma suposta incapacidade ou inadaptabilidade do indígena ao trabalho através do discurso que fazem dessas gentes, pode ser pensada como grande parte da motivação do autor. De todo modo, a partir desse “método interpretativo” empreendido pelos padres jesuítas, nos ocorre que se esses homens buscaram entender uma natureza interior desse Novo Mundo, e para isso buscando modelos e explicações numa natureza sensível aos sentidos externos, precisaram, antes de tudo, reconhecer nessa natureza exterior, os elementos que lhe são próprios.

⁵. SUMÁRIO das Armadas.Iris, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na Rev. do IHGB., v.36, pt.1, p 5-89, 1873. cap. 1.

⁶ Ibid., cap. 1.

Segundo entendemos, ainda não despida da essência mágica e animista⁷ que lhe é própria desde a primeira percepção do homem, a natureza desse Novo Mundo confabula com racionalidade dos olhares curiosos desses homens. Na experiência e no contato cotidiano com essa natureza, lhes conduz a acreditar muito mais no que sentem, do que nas coisas que se pode experimentar por algum sentido externo ou pelas possibilidades dessa natureza para as finalidades mercantilistas da Conquista. Assim, o que é visto por esses homens, antes de uma apropriação racional e pragmática, passa antes pela apreciação dos sentimentos de prazer, repulsa e medo que uma “estética dessa natureza” possivelmente lhes causa. Exemplo interessante dessa tendência a qualificar a natureza pelo que vêem e pelo que sentem, é a descrição que fazem da fauna ou mesmo de suas reações a nudez do gentio: “[...] chama vulgarmente no Brasil o qual he um pao **feio avista** tem a casca grossa e espinhosa a folha do qual quer parecer de Amieiro. [...]”⁸[grifo meu]

[...] e tem mais outra propriedade, não... herdarem do estado da inocência, que nelles está tão corrupta e danada que por mera sensualidade folgam de andarem nus sem nunhuma cobertura atte sobre suas vergonhas, couza que parecem animais brutos estranhos[...]⁹

A natureza que percebemos no discurso desses padres se projeta para além da perspectiva de mero cenário das guerras de conquista e, em grande medida, afasta-se de uma concepção teológica e criacionista comum ao discurso religioso. Essa natureza parece ser percebida como ativa na vivência cotidiana desses homens, capaz de “emanar forças” sobre eles e sobre os acontecimentos; paralelamente ou simplesmente desvinculada da ação ou providencia de divina. Se, de uma maneira geral, o pensamento teológico concebe um mundo e tudo o que acontece nele como vontade do Deus Criador, a teologia jesuítica, ao menos nesse momento, parece não incluir a natureza da Capitania nesse mundo. Ao interrogarmos esse discurso sobre sua concepção de mundo e de natureza, uma autonomia natural revela-se em oposição ao pensamento teológico que, teoricamente deveria reconhecer a ação e a presença de Deus nessa natureza. Em uma análise lexicográfica, a palavra Deus aparece na narrativa não menos que 46 vezes; contudo, a incidência dessa palavra ou o sentido de interferência divina, surge na

⁷ O termo “Animismo” foi cunhado pelo antropólogo inglês Sir Edward B. Tylor, em 1871, na obra *Primitive Culture (A Cultura Primitiva)*, para designar uma concepção mítico religiosa de todos os povos sobre o Cosmos e da interação de todos os elementos por uma energia dinâmica.

⁸ SUMÁRIO das Armadas.Iris, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na *Rev. do IHGB.*, v.36, pt.1, p 5-89, 1873. cap. 1.

⁹ *Ibid.*, cap. 1.

narrativa apenas em relação aos homens; suas vontades, suas ações e suas querelas cotidianas: “pelo serviço de **Deus** e del Rei” ou, “elle tomava em si a retaguarda e o segurava com a ajuda de **Deus**”, ou ainda, “foi cousa **milagrosa** ou **milagre de medo** a quem não sabe estes pasos[...]”¹⁰. Quando se trata de entender algo que emana da natureza ou entender a lógica dos eventos relacionados a elementos ditos naturais, Deus simplesmente inexistente na narrativa e o animismo dessa natureza revela-se arrazoando os fatos: “forão **os pecados dos roins ares daquelle negro** sitio onde o forte estava por que subitamente naquella noute adoecerão quarenta e duas pessoas com **estranhas** dores de barriga e camares”¹¹. [grifo meu]

Essa percepção de uma natureza autônoma e animista se produz na narrativa como discurso de cunho primitivo e em sentido mítico religioso, deliberando sobre os eventos e sobre as coisas próprias da terra com autoridade de conhecimento; nunca talvez, nunca possivelmente. Parece-nos um “conhecer” feito de circunstâncias e talhado na experiência cotidiana com essa natureza a partir de seus estranhos fenômenos. Nesse sentido, revelando-se em contradição ao lugar social do autor; um conhecimento e uma concepção de natureza muito mais pagã do que cristã.

Ao confrontarmos a trajetória histórica e “desastrosa” dessas conquistas da Paraíba, mentalidades carregadas de dúvidas e pessimismos e a experiência efetiva com a natureza do Novo Mundo, sobretudo quanto das adversidades naturais enfrentadas na guerra; não é difícil entendermos uma concepção negativa que recai sobre essa natureza no discurso desses padres. Assim, mesmo quando a narrativa trata do evento militar em si, uma concepção negativa em dimensão material e imaterial se projeta no discurso, sobretudo quando essas adversidades circunstanciais lhes são reveladas como tática e estratégia de guerra do gentio. “[...] os foram seguindo hum pedaço ainda que o roim caminho e empedimento que para este tempo os inimigos tinham feito que para nos era muito que elles são bichos do mato.”¹² Diante disso, pensamos nessa natureza agindo diretamente contra esses homens em seus objetivos, o que revela uma guerra duplamente difícil e sem precedentes. Os alagadiços artificiais e naturais, por exemplo, foram utilizados pelo gentio *pitiguar* para sua defesa ou para emboscadas, causando grandes

¹⁰ SUMÁRIO das Armadas.Iris, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na Rev. do IHGB., v.36, pt.1, p 5-89, 1873.cap.17.

¹¹ Ibid., cap. 12.

¹² SUMÁRIO das Armadas.Iris, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na Rev. do IHGB., v.36, pt.1, p 5-89, 1873.cap.17.

perdas materiais, desânimo e medo nesses homens. Essa natureza no cotidiano militar foi, sobretudo um obstáculo posto aos objetivos da conquista, o que, segundo entendemos, reitera e precipita sentimentos e percepções sobre uma essência negativa nessa terra.

[...] acodimos todos vendo as abertas, e os inimigos vardos pela outra parte aonde uhas grandes rebanceiras e brejos lhe seguravão as costas com o que se salvarão [...]forão **por vezes o medo cegava** [...]o Ouvidor Geral andava dando de parzer, depois de ouvir dizer que nunca cuidava que era para alguha cousa e não então, porque na briga o som do arcabuz aviva os espíritos maz **aqui era peleja com os elementos que he guerra mais diferente da dos homens.**¹³[grifo meu]

Desse modo, a idéia de uma natureza possivelmente mágica, animista ou emanante no discurso desses padres, com seu aspecto negativo encerrado nas circunstancias imediatas e históricas da conquista da Paraíba, os leva a representar uma espacialidade a partir da projeção de elementos místicos dessa natureza na narrativa. Sobretudo na marcha rumo ao Norte que empreenderam em 1586, em direção a Serra da Copoaba¹⁴. Nesse evento, a armada definitivamente penetrou no sertão para combater onde se sabia viviam os *pitiguares* e, a partir da incidência de elementos místicos no descrever a terra e os acontecimentos; percebe-se uma representação espacial dicotômica entre a região litoral e sertão que se projeta no discurso. Nesse sentido, quanto mais se afastam da zona litorânea e entram no sertão, os medos e os elementos místicos dessa natureza se projetam fortemente na narrativa.

[...] a gente alvoroçou pra fugir **com desanimo** ja por **salteados de medo** e **asombrados** de se verem sento e quarenta homens com quinhentos frecheiros de noso gentio **tão longe aonde nunca senhou** de hir branco **em terras que ninguem sabia** [...] andava gente e muito mais o gentio **mui desmaiados** e mais **com se verem em tal terra.**¹⁵ [grifo meu]

O aspecto místico da empresa de guerra e conquista parece “tomar corpo” no discurso a partir da entrada das armadas no sertão, o que coloca o pretense poder mágico do gentio *pitiguar* e das coisas naturais como determinantes dos motivos e das estratégias de guerra, projetando através do discurso, um sertão mágico, obscuro e perigoso em

¹³ Ibid., cap. 17.

¹⁴ Região que hoje compreende o Planalto da Borborema.

¹⁵ SUMÁRIO das Armadas.Iris, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na *Rev. do IHGB.*, v.36, pt.1, p 5-89, 1873.cap. 20.

oposição ao litoral arrazoadamente conhecido, “conquistado” e que se faz seguro pela ação militar dos conquistadores.

Asim fomos outros tres com a lingua dos Indios captivos em busca do Princepapo o maior principal dos Potiguares **por ser muito grande feiticeiro** [...] melhor que nunca de que se não podem escrever as particularidades, que viremos a danar e algum basta que toda a noite andou o Ouvidor Geral de porta em porta nas vigias aos fazer callar **que era vergonha o que lhes o medo fazia dizer e fazer.**¹⁶[grifo meu]

Assim, a partir da entrada no sertão, a narrativa se desdobra em qualificações mágicas sobre a natureza e sobre o próprio sentido dos acontecimentos que descrevem: estranhas e assombrosas tormentas, chuvas noturnas que nenhum homem jamais havia visto e a própria palavra “medo” que aparece na narrativa por diversas vezes em relação a estarem na região de onde supostamente emana esse mal. Ainda no mesmo sentido, a descrição que esses homens fazem da Serra da Copaóba é particularmente interessante e parece enfatizar a força adversa dessa natureza mágica sobre a geografia do local:

[...] por que esta Capaoba aonde já estamos he toda grutas em altibaixos porque **he outeiros athe as nuvens** que athe so se sobe por elles com trabalho, e abismos baixissimos **cousa não vista em outra parte do Brasil** [...] ¹⁷ [grifo meu]

Para entendermos espacialidade dicotômica entre litoral e sertão que percebemos no discurso, e nisso considerando a maior incidência de elementos místicos na narrativa e o medo relacionado a essa região, nos debruçamos sobre as origens desses elementos que constituem segundo entendemos, uma representação espacial que se projeta a partir de uma idéia primitiva de natureza. Nessa perspectiva, consideramos uma idéia de natureza assimilada pelos padres jesuítas através da experiência cotidiana com gentio “aliado” e o gentio inimigo em circunstâncias de guerra e contato direto com essa natureza. Essas reflexões têm um caráter etnológico e atentam para a inferência da cultura do “outro” na experiência cotidiana desses homens e nas suas percepções da natureza. Nesse sentido consideramos o fato de que e a compreensão desses homens sobre a natureza nesse momento foi, em grande medida, secundária e mediada por um fator de extrema importância: a concepção primitiva de natureza, que tinha o gentio. Esses elementos místicos e propriamente indígenas na formação representativa da espacialidade

¹⁶ Ibid., cap. 19.

¹⁷ SUMÁRIO das Armadas.Iris, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na Rev. do IHGB., v.36, pt.1, p 5-89, 1873.cap. 20.

que percebemos nos remetem a pensar o espaço em uma dimensão aproximada da que entende a “tese de fronteira” estabelecida por Frederick Turner e que muito influenciou a historiografia brasileira. O próprio Sergio Buarque de Holanda, do qual tratamos anteriormente, foi fortemente influenciado pelas idéias de Turner no tratar da formação dos espaços regionais no Brasil Colonial.

A partir da adaptação a padrões primitivos, o pioneiro desenvolve novas técnicas de trabalho, valores e padrões de sociabilidade, inclusive recuperando sua bagagem cultural – num primeiro momento abandonada – formando uma nação compósita e tornando-se tipicamente americano. Em outras palavras, na fronteira o pioneiro volta a estágios primitivos e, num processo contínuo, torna a evoluir rumo à civilização, apontando para uma nova nação.¹⁸

Comungando dessas idéias, consideramos como fator importante, os mais de dez anos em que esses padres estiveram em contato direto com esse homem da terra, aprendendo sua língua, seus costumes e, como falamos anteriormente, buscando entender sua essência a partir da natureza a sua volta. Na busca desse conhecimento e das informações necessárias às estratégias de guerra e à efetiva conquista, é provável terem absorvido ou assimilado muitos valores primitivos do gentio, sobretudo ao tratar de coisas e lugares dos quais, tanto portugueses quanto espanhóis - religiosos ou não - eram alheios. Consideramos ainda que a assimilação dessa cultura primitiva ocorreu de maneira mais intensa pela habilidade jesuítica de lidar com o mundo material e espiritual, essa encerrada na lógica humanística e possivelmente renascentista de “um mundo em aperfeiçoamento” que a vanguardista Companhia de Jesus encerrara em sua organização fundamental. O que define melhor a arte, a literatura e o pensamento renascentista se não a busca pela perfeição, pela essência peculiar e pelos fundamentos lineares das coisas, dos povos e do mundo? Nessa assimilação de cultura, muito contribuiu a presença dos “aliados” *tabajaras*, desde os primeiros tempos da empresa de conquista da Capitania da Paraíba. A própria localização dos *pitiguaras* no sertão e as primeiras informações topográficas sobre a região chegaram a esses homens através dos *tabajaras* e, posteriormente, pela aliança militar com o Braço-de-peixe¹⁹, então inimigo dos *pitiguaras*.

¹⁸ WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. p 99.

¹⁹ O braço-de-peixe foi uma grupo indígena local inicialmente inimigo da empresa de conquista espanhola. A astúcia de Martim Leitão durante as guerras foi importante para perceber uma luta interna entre esses e os *pitiguaras*, fomentando a desconfiança do braço-de-peixe em relação aos *pitiguaras* e trazendo-os para a guerra como aliados.

Assim, a partir da experiência cotidiana, os jesuítas passaram participar também das querelas cotidianas do gentio, com suas guerras particulares, suas lógicas próprias e seu conhecimento primitivo sobre a natureza da terra e sobre a geografia da Capitania. Ora, a assimilação dessa natureza – e nada é tão característico dessa natureza quanto a cultura do gentio - não é confirmada pelos próprios jesuítas no *Sumário das Armadas*? “he tão próprio e natural iso do clima e terra do Brasil que logo se pega e tem já pegado a quase todos os brancos naturais do Brasil”²⁰ Em nosso entendimento, não “tem já pegado” apenas aos brancos naturais do Brasil, mas também a esses padres europeus, na intensa experiência cotidiana com essa estranha natureza e com a cultura do outro no Novo Mundo.

Assim, consideramos que a empresa de conquista da Capitania da Paraíba, representa uma conjuntura singular de elementos que possibilitaram uma sobreposição de idéias sobre a natureza que se modificaram no tempo das atividades militares e com a experiência cotidiana na Capitania. Assim, com a trajetória desastrosa dessa empresa e dentro das circunstâncias específicas da guerra, projetou-se uma idéia pessimista e negativa sobre essa natureza. Essa idéia, a partir da experiência cotidiana com o gentio, revestiu-se de concepções primitivas, próprias da cultura indígena americana para entender as estranhezas e adversidades dessa natureza. Nesse sentido, os pré-conceitos, os medos e as necessidades mais urgentes da conquista (espiritual e material) foram remetidos à lógica primitiva de natureza como realidade única, na qual aventureiros e padres lutaram suas guerras particulares na lógica de guerra do gentio, na lógica de mundo e de natureza do gentio. Acreditamos então, que nesse momento específico, principalmente nos últimos anos da conquista da Paraíba, o europeu não havia arrancado o indígena se seu tempo, mas que havia se projetado diretamente nesse tempo, com toda lógica mágica, animista e guerreira que lhe é própria.

Se no decorrer dos tempos o etnocentrismo desse europeu emergiu em suas percepções de um mundo conquistado e a natureza já desvelada da Capitania da Paraíba e sertão brasileiro perderam grande parte de sua essência mística e o animismo, essa foi uma conseqüência da aculturação da terra que se encerra no processo ocidentalização empreendido pelas metrópoles em todo o período colonial. Contudo, na história da colonização do sertão brasileiro, com as lutas de resistência desde a chegada dos

²⁰ SUMÁRIO das Armadas. Iris, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na Rev. do IHGB., v.36, pt.1, p 5-89, 1873.cap. 1.

primeiros europeus, revela-se uma natureza ativa e influente nesse processo de conquista e que permitiu ou impôs representações propriamente americanas de espaço e de mundo.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARNOLD, David: *La naturaleza como problema histórico, el medio, la cultura y la expansion de Europa*; México D.F, Fondo de Cultura Cultural Económica 2000.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Um leque que respira: a questão do objeto em história*. Natal: 2006. 16p. Available from World Wide Web <http://www.ccla.ufrn.br/ppgh/durval> Acesso em: 30 de Outubro de 2008.

GARDNER, Patrick, *Teorias da história*. Lisboa: Fundação Calauste Gulbenriam, 1984.

HOLANDA, S. B. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000

LEITE, Serafim, *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola 2004.

LOPES, Edward. Ler a Diferença. In : BARROS, Diana L.P. de, *Os Discursos do Descobrimento*. São Paulo: Editora da USP; FAPESP, 2000

OLIVEIRA, Bernardo Jeferson de: *Francis Bacon e a Fundamentação da Ciência como tecnologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

PORTO, Monteiro Maria Emilia: *O discurso do missionário: jesuítas e ocidentalização na Capitania do Rio Grande - 1597 – 1759*. Natal, Revista do IHGB.

RODRIGUES, José Honório de: *História da História do Brasil*, historiografia colonial. São Paulo: Ed Nacional, 1979.

SALE, Kirk Patrick. *A Conquista do Paraíso: Cristóvão Colombo e seu legado*, in: “o fim do mundo está próximo. Ed. Horge Zahar Editor. 1990.

SUMÁRIO das Armadas. *Iris*, Jornal Literário de José Feliciano de Castilho (Rio 1848-1849); e na *Rev. do IHGB.*, v.36, pt.1, p 5-89, 1873.

WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.